

A METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA EM "ALABARDAS, ALABARDAS, ESPINGARDAS, ESPINGARDAS", DE JOSÉ SARAMAGO

MORÁN, José Abraham Díaz

Estudante do curso de Ciências Econômicas, bolsista (IC-UNILA) – ILAESP – UNILA
E-mail: jad.moran.2016@aluno.unila.edu.br

MATIAS, Felipe dos Santos

Docente/pesquisador do curso de Letras – Espanhol e Português como Línguas
Estrangeiras – ILAACH – UNILA.
E-mail: felipe.matias@unila.edu.br

1 INTRODUÇÃO

As obras de José Saramago são de uma importância inegável para as Literaturas de Língua Portuguesa, visto que o autor foi um dos maiores intelectuais do final do século XX e início do XXI. A produção artística dele é amplamente difundida na América Latina e integra os conteúdos programáticos obrigatórios das disciplinas de Literatura Portuguesa, ministradas em diversos cursos de Letras. O plano de trabalho sob a ótica apresentada se configura como relevante devido ao fato de que constatou-se, após um levantamento da recepção crítica da obra saramaguiana, que ainda não foi realizada uma pesquisa que estudasse o conceito teórico de metaficção historiográfica no romance "Alabardas, Alabardas, Espingardas, Espingardas" (2014).

O objetivo geral da pesquisa foi estudar, a partir do conceito de metaficção historiográfica elaborado por Linda Hutcheon (1991), as interlocuções entre a literatura e a história no romance póstumo "Alabardas, Alabardas, Espingardas, Espingardas". Os objetivos específicos foram: pensar o romance selecionado para o corpus como representativo das novas tendências do romance contemporâneo, sobretudo, no que concerne à aproximação interdisciplinar entre a literatura e a história; produzir fortuna crítica sobre o último romance escrito por Saramago.

2 METODOLOGIA

Na primeira etapa da investigação, foram estudados o conceito de metaficção historiográfica e as relações entre a Literatura e a História. Tal procedimento foi necessário para a obtenção de subsídios teóricos que possibilitaram uma adequada fundamentação e desenvolvimento teórico-crítico da pesquisa. Para a realização desta etapa, foi feita a leitura, principalmente, das contribuições de BAKHTIN (1981 e 1993), DUBY (1986 e 1989), FOUCAULT (1992 e 1995), HUTCHEON (1991), KRISTEVA (1978), LE GOFF (1992 e 2003) e WHITE (1994 e 1995).

O segundo momento da investigação consistiu no estudo da fortuna crítica sobre os romances de Saramago em geral, com o intuito de buscar aporte para uma análise fundamentada da obra selecionada para o corpus do trabalho. Foram estudadas neste momento da pesquisa referências bibliográficas como: ARNAUT (1999 e 2003), MARTIN (2011), MARTINS (2000 e 2006), PEREIRA (2009 e 2011), REIS (1994, 1998 e 2006), ROANI (2002 e 2010) e VASCONCELOS (2003 e 2010).

Com os resultados obtidos nas etapas anteriores, foi feita a análise teórico-crítica do romance saramaguiano, com o intuito de estudar na obra a aplicação do conceito de metaficção historiográfica, das reflexões sobre as relações interdisciplinares entre a Literatura e a História, e das ideias oriundas da leitura da fortuna crítica relativa à escrita saramaguiana.

O momento final da pesquisa foi dedicado à redação de dois artigos acadêmicos e à elaboração do relatório de pesquisa, com o aproveitamento dos resultados alcançados em todos os estágios anteriores da Iniciação Científica.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A partir das ideias de Hutcheon (1991), percebe-se que para uma obra ser considerada como metaficção historiográfica, ela deve ter as seguintes características: o caráter de auto-reflexividade intensa e referências explícitas a personagens e eventos históricos; a imbricação de reflexões literárias e históricas; e a defesa de que, apesar de não negar a existência da história, o passado só nos é acessível por meio da textualidade. A metaficção historiográfica pode ser compreendida como uma espécie de versão contemporânea do romance histórico, gênero híbrido que foi largamente explorado ao longo do século XIX. A consciência do tempo, do discurso e da história percorre a escrita dos escritores contemporâneos, que, ao fazerem uso do texto historiográfico, problematizam o discurso comumente aceito, numa atitude crítica que estabelece uma relação

dialética entre tradição e transformação, por meio do exercício da literatura. Para romancistas como Saramago, o texto literário deve sempre ser uma prática de (re)escrita que convoca o olhar à diferença e à heterogeneidade.

A defesa do diálogo interdisciplinar entre a literatura e a história tem em Hayden White um dos seus principais expoentes. Ao incursionar pelo terreno da historiografia e da literatura comparada, o pesquisador sublinha a circunscrição do discurso histórico como uma prática eminentemente narrativa, próxima da literária. White (1994) postula que a reflexão acerca das relações entre a literatura e a história deve considerar o fato ambas serem formas narrativas que têm como instrumento comum a linguagem. Nessa direção, é importante lembrar o pensamento do russo Mikhail Bakhtin, a respeito de que o sujeito que elabora um discurso é sempre, em certo grau, um ideólogo e suas palavras são sempre um ideograma, visto que sua linguagem particular representa sempre um ponto de vista sobre o mundo, no qual o sujeito aspira uma significação social. Nas relações entre os textos historiográficos e literários é necessário mencionar aqui também a reflexão de Walter Benjamin (1994) sobre a narração, o qual vislumbra a literatura e a história como vizinhas antigas, por habitarem o solo comum e fértil do gênero narrativo. Benjamin (1994) lança mão da narrativa literária para atribuir à história uma vocação narrativa, apostando na caminhada comum empreendida pelos dois discursos.

A questão sobre as relações entre a literatura e a história torna inevitável a menção da teoria da intertextualidade, como princípio fundamental dessa interlocução entre os dois discursos. A partir da releitura promovida por Julia Kristeva acerca dos postulados bakhtinianos sobre o diálogo entre os textos, observa-se que a intertextualidade é um elemento intrínseco da interlocução entre a literatura e a história, pois tanto a codificação da escrita literária, quanto a do texto histórico adquirem sentido e importância como partes de discursos anteriores.

4 RESULTADOS

No romance "Alabardas, Alabardas, Espingardas, Espingardas", o factual é equiparado ao imaginável, resultando numa ficcionalização da história pela arte literária. O escritor português contemporâneo deixa transparecer em seu romance a ideia de que a visão da historiografia não origina o único sentido possível e que é necessário utilizar a imaginação para preencher os diversos silêncios das fontes históricas, assim como defende White (1994).

Percebe-se, de início, a contradição inerente ao fato de um homem chamado "Paz" ser funcionário de uma fábrica de produtos bélicos. Paz Semedo, que se orgulhava do renome da firma na qual é empregado, tem sua tranquilidade abalada após a leitura da obra "L'espoir" (A esperança) (1937), de André Malraux, passando a se angustiar com a finalidade dos artigos fabricados na empresa onde trabalha, pois no texto de Malraux há relatos de fuzilamentos cometidos por fascistas contra trabalhadores durante a Guerra Civil Espanhola. A partir de então, o personagem passa a refletir sobre a sua vida, a natureza do seu trabalho, as lacunas presentes nos textos históricos e as ideologias e objetivos envolvidos no processo de escrita do discurso historiográfico. Dessa forma, percebe-se que a narrativa saramaguiana pode ser considerada uma metaficção historiográfica, nos moldes do conceito concebido por Hutcheon (1991).

5 CONCLUSÕES

A partir da análise teórico-crítica do romance "Alabardas, Alabardas, Espingardas, Espingardas", pode-se dizer que o texto saramaguiano ficcionaliza os acontecimentos históricos com o intuito de desestabilizar as verdades eleitas pela História oficial. Saramago incorpora em seu discurso literário as dúvidas e contradições inerentes a qualquer tipo de discurso que tenha a pretensão de se estabelecer como uma verdade absoluta.

O escritor português contemporâneo insere em seu texto, além da obra de Malraux (que a crítica classifica como misto de romance e reportagem), muitos pequenos intertextos históricos. Dessa forma, o escritor português promove, por meio da metaficção historiográfica, um processo de questionamento e releitura da história pela literatura, estabelecendo um fecundo diálogo interdisciplinar

6 PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HUTCHEON, Linda. *Poéticas do Pós-modernismo: história, teoria e ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KRISTEVA, Julia. A palavra, o diálogo, o romance. In: *Introdução à semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SARAMAGO, José. *Alabardas, Alabardas, Espingardas, Espingardas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EDUSP, 1994.